

A FOTOGRAFIA AMASSADA

Philip Yancey

Em um feriado, fui visitar minha mãe, que mora a uns 1.200 quilômetros de minha casa. Lembramo-nos dos tempos antigos, como as mães e os filhos costumam fazer. Inevitavelmente, a velha caixa de fotografias foi retirada do armário, deixando à mostra uma pilha de retratos, registros de uma série de acontecimentos de minha infância e adolescência: fantasias de cowboys e de índios, traje de Coelho Pernalonga da peça do curso primário, meus animais de estimação, vários recitais de piano e formaturas do curso primário, secundário e da faculdade.

Entre essas fotografias, encontrei a de um bebê, com meu nome escrito no verso. Era um retrato comum. Eu era parecido com qualquer outro bebê: bochechas redondas, pouco cabelo e olhar desfocado e arredio. A fotografia, porém, estava amassada e mutilada, como se tivesse sido mordida por um animal doméstico. Perguntei à minha mãe por que ela guardava uma fotografia naquele estado, uma vez que havia muitas outras intactas.

Existe um pormenor a respeito de minha família que você precisa saber: quando eu tinha dez meses de idade, meu pai contraiu poliomielite na região lombar da coluna vertebral. Ele morreu três meses depois, logo após meu primeiro aniversário. Ele ficou totalmente paralisado aos 24 anos, com os músculos tão fracos a ponto de precisar viver dentro de um enorme cilindro de aço, que lhe permitia respirar artificialmente. Recebia poucas visitas. Na década de 1950, o pavor que as pessoas sentiam da poliomielite era o mesmo que hoje sentem em relação à Aids. A única visitante fiel era minha mãe, que se sentava em um determinado lugar para que ele pudesse vê-la por um espelho instalado ao lado do pulmão artificial.

Minha mãe explicou-me que guardava aquela fotografia como uma relíquia, porque, diante a enfermidade de meu pai, ela a colocou no aparelho de respiração artificial. Ele pediu fotos dela e dos dois filhos, e minha mãe teve de encaixá-las entre dois botões do aparelho. Era por isso que minha foto estava tão estragada. Vi meu pai raras vezes depois que ele deu entrada no hospital, porque não era permitida a entrada de crianças nas alas reservadas a pacientes com poliomielite. Além disso, eu era um bebê e, se tivesse conseguido entrar, não teria guardado sua fisionomia na memória.

Quando minha mãe me contou a história da fotografia amassada, eu tive uma reação estranha e inesperada. Para mim, parecia esquisito demais imaginar alguém se preocupando comigo, alguém de quem eu nem me lembrava. Durante os últimos dias de vida, meu pai passou suas horas de agonia olhando para aquelas três fotografias de sua família, de minha família. Não havia mais nada ali para ser visto. O que ele fazia o dia inteiro? Orava por nós? Sim, claro. Ele nos amava? Sim. Mas como uma pessoa completamente paralisada pode manifestar amor, principalmente quando seus filhos são impedidos de visitá-la?

Hoje penso sempre naquela fotografia amassada, porque ela é uma das únicas ligações que tenho com aquele homem desconhecido que foi meu pai, um desconhecido que morreu com dez anos menos do que tenho agora. Alguém de quem eu não me lembro, que praticamente não conheci, passava o dia inteiro pensando em mim, dedicando-se a mim, amando-me o mais que podia. Talvez um

dia eu tenha tempo, muito tempo, para restabelecer um relacionamento cruelmente interrompido logo depois de ter começado.

Estou contando esta história porque a emoção que vivenciei quando minha mãe me mostrou aquela fotografia amassada foi a mesma que senti naquela noite de fevereiro, no alojamento da faculdade, quando, pela primeira vez, acreditei em um Deus de amor. Eu me dei conta que Alguém estava lá. Alguém observa a vida enquanto ela se desenrola neste planeta. E mais, Alguém que me ama está lá. Foi uma estranha sensação de esperança, uma sensação tão nova e poderosa que fazia valer a pena aceitar os desafios da vida.